

AO PROFESSOR E PADRE AMADEU MATIAS BERNARDES FILHO

Dayvide Magalhães de Oliveira¹

O primeiro contato aconteceu na sala 305 do CCHL. Era o período letivo acadêmico de 2002/01. Uns quatro ou cinco minutos depois das dezoito horas entra aquele senhor calvo e de óculos. Coloca sua pasta sobre a mesa, acomoda uns textos fotocopiados próximo à pasta; se apresenta. Depois de um sonoro “boa noite”, e de falar o nome da disciplina, diz seu nome: Amadeu Matias. Era o Padre Amadeu. Dezoito anos passaram. Mas ainda ressoa na memória o timbre grave da voz, o riso contagiante e o passo eloquente do seu discurso. Tive o prazer de ser aluno do Padre Amadeu em duas disciplinas que aconteciam sequencialmente uma depois do horário da outra. O ano de ingresso dele na função de professor efetivo da UFPI foi o ano de 2002. Acredito que isso faz de mim um dos membros do grupo de alunas/alunos que pertenceram à primeira turma do Departamento de Filosofia que o Padre Amadeu ministrou aulas. As disciplinas eram Filosofia Medieval (das dezoito às vinte horas) e Filosofia da Religião (das vinte às vinte e duas horas).

O primeiro fato pitoresco que me vem à memória tem direta relação com aqueles textos que foram acomodados sobre a mesa. Não sei se era o espírito cristão ou se era uma concepção de política educacional manifestando-se. Fica realmente difícil de separar o Padre do Professor. O fato é que o Professor/Padre, ou Padre/Professor, mantinha o hábito de sempre trazer os textos-resumos fotocopiados. Fazia a distribuição gratuita entre os alunos da turma. Alguém vendo com os olhos de hoje pode perguntar: Mas não usava a projeção de slides? Não usava o Datashow? Bom, estamos falando de dezoito anos. Um tempo em que as salas do CCHL não contavam com o recurso. Nem mesmo a disposição das salas de aula do DFIL (dentro CCHL) era a mesma de hoje. Essa situação deve ter provocado alguma pressão interna entre os professores do DFIL e o Professor Amadeu Matias. Deve também ter gerado gastos financeiros para ele. Mas o intento estava claro: ação didática visando sempre as necessidades do aluno. Uma importante lição de política, de ética, sobre dedicação e construção democrática do ensino. Uma importante lição que carreguei para a minha vida profissional e que procuro empregar como professor.

Geralmente quando me perguntam sobre minha postura em relação ao ensino remoto, esse ensino remoto costurado pelas necessidades da pandemia, minha postura é contrária, taxativamente contrária. Mas nossas decisões nunca são solitárias. Há sempre os arquétipos que nos ajudam a assumir certas escolhas, sobretudo as mais difíceis e as que pedem sua postura diante do mundo. O Professor Amadeu e seus resumos copiados surgem emblematicamente como uma figura arquetípica a me lembrar: É dever incluir a todas e todos! É dever esforçar-se por todas e todos! Enquanto houver um excluído, a educação não se faz.

¹ Graduado e Mestre em Filosofia pela UFPI. Professor de Filosofia na UFPI, Campus Picos.

O foco de seus estudos está centrado na obra de Santo Agostinho. Fez mestrado na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Itália, com o título “Aspectos filosóficos do conhecimento de Deus e do homem” (ano de 1998). Nesse sentido, talvez ele, Agostinho de Hipona, seja uma figura arquetípica para o Padre/Professor. Incluo aqui a categoria padre porque, sob o aspecto cristão que a categoria sugere, pensando em Agostinho e, mais recentemente, na encíclica *Mirae Caritatis*, em que o Papa Leão XIII cita Agostinho quando emprega o conceito de Amor Caritas, é perceptível de uma forma irrefutável a aplicação prática desse tipo amor tanto nas ações do Professor Amadeu quando nas ações do Padre Amadeu. Pode parecer um detalhe irrisório para muitos. Mas quando você é aluno, desempregado, tendo que escolher entre tirar uma xérox e pagar a passagem do ônibus coletivo, uma carona é mais que necessária: é crucial. Foram incontáveis as caronas que o Padre e o Professor me ofereceu (nos permita uma escusa para essa estrutura de concordância verbal com o verbo no singular; é que nessa dimensão ontológico-simbólica não nos é possível pluralizar o verbo). Então quando vejo um aluno com algum tipo de necessidade, seja lá qual for o tipo de necessidade, novamente surge a figura arquetípica do Padre/Professor Amadeu Matias.

Agostinho de Hipona, Boécio, Pedro Abelardo, São Tomás de Aquino, os árabes Avicena, Averróis e Maimônides. Autores e ideias importantíssimas absorvidas nas aulas de Filosofia Medieval. Todas obtidas com o Professor Amadeu. Mas, particularmente eu tinha uma predileção maior pelas aulas de Filosofia da Religião. E não era por ser cristão. Na verdade, dentro daquele contexto eu não era nada cristão. A bem da verdade, me interessava à época mais a possibilidade de questionar um religioso sobre as questões da fé. Sobretudo quando apareciam os discursos dos filósofos sobre o tema. Considerava instigante

Eu tinha sido catequista em uma pequena capela. O padre daquela capela era outra grande referência para a Filosofia do Piauí: o padre Raimundo José. Mas isso foi antes de entrar no curso de Filosofia. Depois que tive contato com textos de antropologia cultural (Roque de Barros Laraia, por exemplo); depois de ter sofrido de paixonite aguda por Nietzsche, dessas que sofre praticamente a maioria dos alunos ingressantes na Filosofia; depois de algumas aulas de introdução à sociologia, depois de tudo isso ... deixei de ser cristão e deixei de ser um crente em Deus. Então, minha sede por uma aula de Filosofia da Religião ministrada por um Padre era o de mais precioso. A febre de prepotência que passa por quase todo neófito! Além de ler atentamente o manual de Filosofia da Religião do Professor Urbano Zilles, eu procurava algumas coisas mais adstringentes, digamos assim: Eliphaz Levi, Aliester Crowley, ocultismo em geral. De posse desse suposto capital teórico, eu partia para as aulas de Filosofia da Religião como quem partia para o campo de batalha. Simples prepotência que era assoprada com a paciência discursiva e teórica que possuía o professor Amadeu. Isso é importante destacar: estava ali o professor, e não o padre. Com maestria, o Professor Amadeu conseguia costurar as teorias, silenciar minha prepotência e, acima de tudo, me ajudava a aprender os conteúdos de uma forma clara e dialogada.

O Professor Amadeu conseguiu vencer todas aquelas batalhas em sala de aula. Mas devo confessar que foi o Padre que ganhou a guerra; e com uma pergunta apenas. Eu estava na copiadora esperando uma xérox ficar pronta. Chega o Professor Amadeu. Entregada alguns textos ao responsável para copiadora. Então, naquele intervalo de tempo, o professor silencia (não era uma sala de aula) e o padre me faz uma pergunta: Dayvide, o que você espera depois daqui? Compreendi erroneamente a pergunta e respondi: espero a aula de Metafísica II. Ele riu, e continuou: Me refiro sobre depois dessa vida. Fiquei em silêncio. Depois respondi: A morte é um dormir sem sonhar; não espero nada além disso. Ele não disse nada. Apenas fez um gesto com a boca e os olhos. Depois

disso, exclamou: Dormir sem sonhar... também é um dormir sem esperanças! Então, pegou sua pasta e saiu.

Assisti a aula de Ontologia II. Depois fui para a parada de ônibus. Durante toda a aula, durante o tempo de espera pelo ônibus, e durante o percurso para a casa... todo esse tempo passei pensando naquela frase: Dormir sem sonhar... também é um dormir sem esperanças! Isso não me fez ser católico outra vez, ou mesmo evangélico. Mas alguma coisa mudou, E eu passei a ir para as aulas com ouvidos de aprendiz e não mais com armas de soldado. Mais um ensino. Desta vez, foi o padre. Da mesma forma sutil que costumava fazer o professor, o padre me ensinou a aprender a reconhecer que o conhecimento vem da escuta atenta. Muito embora seja uma escuta atenta que pode também ser crítica, é uma escuta e não um embate infrutífero de ideias.

Este texto foi construído a partir das minhas experiências pessoais com o padre, o professor e a pessoa Amadeu Matias. Construímos o texto sobre nossa perspectiva. Espero que o relato dessas minhas experiências pessoais possa ser suficiente para fazer jus ao humano Amadeu Matias. O objetivo é transmitir uma pequena ideia de como um professor pode nos instruir sob todos os aspectos. Ainda mais quando se trata de Amadeu Matias Bernardes Filho.